



Transitando entre o público e o privado: estratégias ficcionais de Ana Cristina César

7

*Transiting between public and private spaces:
Ana Cristina César's fictional strategies*

Ilva Maria Boniatti*

Resumo: O ensaio tem como objeto o estudo das estratégias ficcionais presentes na correspondência da poetisa, missivista e tradutora Ana Cristina César, com o intuito de dar visibilidade aos espaços públicos e privados na literatura da contemporaneidade. Como fonte de pesquisa dos novos limiares existentes entre esses espaços foi escolhida a obra *Correspondência incompleta*, de 1999. De uma perspectiva historicizada, o ensaio traça o percurso teórico-crítico de definição desses espaços. Analisa alguns exemplos, tomados das cartas, para apresentar o entrecruzamento desses espaços, oferecendo o ponto de vista da literatura.

Palavras-chave: Literatura. Correspondências. Ana Cristina César. Espaço público e privado.

Abstract: The essay is aimed at studying the fictional strategies, which are present in the epistles by the poet, writer and translator Ana Cristina César, in an attempt to give visibility to the public and private spaces in contemporary literature. Thus, Ana Cristina's collection of epistles entitled *Correspondência Incompleta* from 1999 has been chosen to search on the new thresholds between public and private spaces. From a historical perspective, this work traces the theoretical and critical trajectory, along which the definition of those spaces has been laid. It analyzes some examples, taken from the letters, to present the intersection of those spaces, from the viewpoint of Literature.

Keywords: Literature. Epistles. Ana Cristina César. Public and private spaces.

* Doutora em Literatura Comparada pela Université de Limoges. Professora na Universidade de Caxias do Sul (UCS).



Introdução

As novas tecnologias vêm acelerando o rompimento das fronteiras entre o público e o privado.

As formas públicas e privadas de cultura não estão isoladas entre si. Existe uma circulação real de formas. A produção cultural, frequentemente, envolve publicação – tornar público formas privadas. Por outro lado, os textos públicos são consumidos ou lidos privadamente. (JOHNSON, 1999, p. 47).

A existência dessas formas públicas e privadas apresenta-se, comumente, dos pontos de vista etnológico e antropológico, como uma partição clássica de um binômio, no qual um de seus elementos pressupõe certa negatividade. Essa dicotomia invoca uma série de valores significativos associados às categorias de interior e exterior, de próprio e comum, de um *eu* e de um *nós*, de indivíduo e de sociedade, exigindo, dessa forma, uma explicitação com relação ao seu uso.

1 O público e o privado: percurso teórico-crítico

De uma perspectiva historicizada, do ponto de vista da filosofia política, Arendt ilustra a diferença entre o sentido primordial do público, já na pólis grega, na qual o espaço público associava-se ao político, à liberdade, enquanto o espaço privado reservava-se ao doméstico, à produção material pelo trabalho escravo e à reprodução da vida. (ARENDR, 2005). No entanto, é com o surgimento da sociedade burguesa que a administração do espaço doméstico – com suas tarefas e problemas – invade o espaço público, apagando definitivamente o limiar entre o espaço público e o privado.

Com um processo de produção cada vez mais socializado, o privado desliga-se, paulatinamente, desse processo para se afirmar como esfera da intimidade e, com o auge do individualismo moderno, perderá sua conotação de privação. O público, por sua vez, desdobra-se no social e no político, e o privado, no doméstico e no íntimo. A autora frisa que o privado, como espaço do íntimo, não será mais contraposto ao político e sim ao social, e o espaço da intimidade só poderá se materializar através do seu desdobramento público.



Eis, então, que o século XVIII testemunha o delineamento do privado a respeito da família, dos costumes cotidianos e do desenho de uma moralidade menos ligada à fé, dando origem a outros tipos de relações entre as pessoas, a uma nova afetividade intersubjetiva. Para Habermas (1989), esse século pode ser definido como um século de intercâmbio epistolar, no qual as cartas são o desabafo do coração, estampa fiel da alma. A carta é o meio através do qual o indivíduo se robustece em sua subjetividade, definindo os novos tons da afetividade, o decoro, os limites do permitido e do proibido e as incumbências dos sexos. Para o autor essa invasão do privado no público, que implicaria o imaginário da separação nítida entre as duas formas, não faz senão colocar em evidência a complexa articulação entre o individual e o social, uma vez que vidas privadas fogem do pertencimento de seus sujeitos para aparecer como manifestações de condutas e valores coletivos, solicitando estruturas comuns de personalidade.

Indissociável da consolidação do capitalismo e da burguesia, a aparição de um *eu*, como expressão da interioridade e afirmação de *si mesmo*, vê-se submetido, então, à cisão dualista entre o público e o privado, entre o sentimento e a razão, entre o corpo e o espírito, entre o homem e a mulher. Na tensão entre a indagação do mundo privado e sua relação com o novo espaço social, à luz da incipiente consciência histórica moderna, vivida como inquietude da temporalidade, começa a se delinear a especificidade dos gêneros autobiográficos. Desse modo, confissões, autobiografias, memórias, diários íntimos e correspondências traçam, para além de seu valor literário intrínseco, um espaço de autorreflexão decisivo para a consolidação do individualismo como um dos traços típicos do Ocidente; porém, essa ênfase na singularidade é, ao mesmo tempo, uma busca da transcendência, uma vez que os métodos biográficos desenham uma cartografia da trajetória individual, que procura, sempre, seus acentos coletivos.

Consequentemente, o retorno dessas fontes do *eu*, segundo Arfuch (2010), e dessas retóricas e valores reconhecíveis não envolve apenas uma perspectiva histórica e sociológica de indagação, mas também abre uma vertente crítica para as conceitualizações filosóficas e políticas clássicas em torno das esferas do público e do privado. Trata-se, pois, de ir além da clássica antinomia entre o público e o privado, em que um dos termos implica certa negatividade, para postular, pelo contrário, um enfoque não dissociativo entre ambas as esferas. Isso permite, assim, considerar a crescente visibilidade do íntimo/privado, articulada, de



maneira complexa, com a invisibilidade dos interesses privados, não como um excesso, ou como uma causa desestabilizadora de um equilíbrio *dado*, e sim, como substancial a uma dinâmica dialógica e historicamente determinada na qual, as duas esferas se interpenetram e se modificam incessantemente. Nessa dinâmica, então, o biográfico define-se como um espaço intermediário, às vezes como mediação entre o público e o privado, e outras vezes, como indecidibilidade na constituição de ambas as esferas.

Habermas concede grande importância ao desdobramento da subjetividade expressada nas diversas formas literárias do século XVIII, pois os leitores descobrem um novo e apaixonante tema de ilustração, isto é, a representação de si mesmos nos costumes cotidianos, e não mais a fabulação em torno de personagens míticos e literários.

O caráter dialogal ganha um peso determinante. Surgem as cartas entre amigos para serem publicadas nos periódicos; surgem as cartas dos leitores e as cartas literárias. O caráter íntimo da correspondência e a suposta veracidade, anunciada pelos seus autores, despertam, nesse momento, maior interesse. Servindo de marco para a constituição da subjetividade burguesa, essa forma marca, fortemente, os intercâmbios do espaço público e do privado. Essa forma epistolar muda, substancialmente, as relações entre autor, obra e público, adquirindo, portanto, o caráter de inter-relações íntimas entre pessoas interessadas no conhecimento do humano e, por conseguinte, no autoconhecimento. Em outras palavras, o espaço do privado requer, para sua constituição, a inclusão do leitor no relato, como coparticipante de aventuras secretas, através da leitura solitária de transcrições quase imediatas de sentimentos sobre experiências do cotidiano, por meio de uma linguagem desprovida de ornamentos, mais próxima da linguagem do leitor.

A literatura apresenta-se, assim, como meio transgressor do privado, tendo o privado como garantia, ao torná-lo público. No dizer de Arendt, a narração acentuada da intimidade cruza, definitivamente, a fronteira entre o público e o privado, a partir do lugar explícito da autoexploração. O relato da própria vida, a revelação do segredo pessoal, a promessa de fidelidade absoluta e a percepção do *outro* como destinatário traçam a topografia do espaço autobiográfico moderno.

O surgimento do espaço biográfico é, pois, essencial para a afirmação do sujeito moderno, o traçado de um limiar incerto entre o público e o privado e, conseqüentemente, para a nascente articulação entre o individual e o social.



Para Elias (1994), constitui uma fase peculiar do processo civilizatório o enfrentamento, em cena, do *eu* contra os *outros*. Esse processo afirma-se com uma “trilogia funcional” de controle da natureza, da sociedade e do indivíduo em que, pela via da imposição dos costumes, se acentua a cisão dualista entre indivíduo e sociedade. Contudo, esse processo é em si mesmo contraditório, pois o *eu* que se enuncia a partir de uma absoluta particularidade busca já, ao fazê-lo, a réplica e a identificação com os *outros*, aqueles com os quais compartilha interesses comuns.

Para Habermas, o surgimento da esfera privada, em que se perfila a subjetividade nascente do íntimo tem um papel decisivo na configuração da esfera pública burguesa. Os públicos do século XVIII, associados em espaços comuns de conversa e discussão, exercitam nesses âmbitos não apenas um raciocínio político, para impor limites ao poder absolutista, mas também de maneira indissolúvel, um raciocínio literário, alimentado pelas novas formas autobiográficas, entre elas, o gênero epistolar. Assim sendo, a paixão pela relação entre pessoas e a descoberta intersubjetiva da nova afetividade unem-se ao hábito da polêmica e da discussão política, renunciando os espaços futuros de representação.

Mas esse equilíbrio no qual o privado, o raciocínio e as pessoas privadas ganham vital importância na configuração do público, entendido como coexistência da individualidade em torno do interesse público, altera-se, definitivamente, com o advento da sociedade dos meios de comunicação de massa que, com sua lógica de equivalências do *advertising*, como coloca Arfuch, causa a perda da densidade crítica e da fiscalização racional do poder da velha esfera da publicidade burguesa, produzindo uma dissolução do político. Em termos argumentativos, essa dissolução do político, na primazia da conversa, da interação discursiva, relaciona-se, nesse caso, à ascensão do âmbito privado e ao encaixe de ambas as esferas com uma marcada derivação para o íntimo. A personificação da política, o peso decisivo que adquire a vida privada, a dimensão subjetiva e o carisma na construção da imagem e da representação pública são consequências disso.

Atualmente, o conceito de privado remete às questões do mercado e da privacidade do indivíduo e, por outro lado, o público passa a ser identificado com o Estado ou com o espaço onde ocorrem as relações políticas da sociedade.

O estado das coisas nos permite perceber questões não resolvidas, sejam elas econômicas, políticas, sejam elas sociais. Em suma, o público



e o privado não atendem mais às demandas de uma sociedade contemporânea complexa.

O tempo decorrido e, sobretudo, as transformações políticas acontecidas nas últimas décadas, o novo traçado da cartografia mundial e o desdobramento incessante e imprevisível das tecnologias alteraram definitivamente o sentido clássico do público e do privado. A configuração atual de tais esferas apresenta-se sem limites nítidos, sem atribuições específicas e está submetida à constante experimentação.

Longe de meras partições dicotômicas e, concordando com as posições de Elias e Arfuch sobre a interdependência entre o pessoal e o social, isto é, entre o indivíduo e a sociedade, pode-se afirmar que ambos os espaços – conservando suas distinções operativas – se entrecruzam sem cessar, numa e noutra direção. Nesse caso, não só o íntimo/ privado invadiria territórios do público, mas também o público, em seus velhos e novos sentidos: o político, o social, o de uso, de interesse e bem comum, não atingiria, o tempo todo, seu estatuto de visibilidade. Às vezes transformada numa dialética, essa dinâmica conjura contra todo conteúdo próprio e designado. Os temas e seus formatos seriam, então, públicos e privados, segundo as circunstâncias e os modos de sua construção. A aceitação dessa ambiguidade não pressupõe o cancelamento desses espaços nem a renúncia à crítica sobre seus funcionamentos efetivos e sim “uma reflexão mais atenta sobre a atualidade, sobre os modos cambiantes de expressão, manifestação e construção de sentidos; modos que tornam *públicas* certas pessoas e *privadas* certas cenas coletivas. (ARFUCH, 2010, p. 96).

Vários autores discutem a tendência acentuada de *politizar* (no sentido de trazer a público) a vida privada e de privatizar o que classicamente seria da vida pública. Os espaços privado e público passaram a fazer parte um do outro, o que por si nos confunde e desnorteia.

Segundo Arendt, ao espaço público estariam associadas algumas palavras-chave: liberdade, multiplicidade de pensamentos e ações, unidade de condições na diversidade e co-presença física. De acordo com a autora, o termo público denota dois fenômenos correlacionados, porém não idênticos: significa, em primeiro lugar, que tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. Em segundo lugar, o termo *público* significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. Esse mundo, contudo, não é idêntico à Terra ou à



natureza como espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. Antes, tem a ver com o artefato humano, com o produto das mãos humanas, com os negócios realizados entre os que, juntos, habitam o mundo feito pelo homem.

Essa questão da fronteira entre espaço público e espaço privado abre caminho à reflexão sobre o modo como as novas tecnologias da informação, que incluem as mídias, participam da redefinição da fronteira entre público e privado, ao misturarem permanência, lugares e atividades públicas e privadas. A ideia de que as novas tecnologias da informação participam da redefinição da fronteira entre público e privado é argumentado com base nas relações tecnológicas, na comercialização da comunicação, na fragmentação dos públicos, e ainda, na globalização dos fluxos de informação.

Há uma tendência detectada na contemporaneidade, quando as instâncias públicas e privadas se confundem, mostrando que os antigos paradigmas que identificavam o *público* como protetor de interesses estatais, e o *privado* como protetor de interesses individuais, já não são mais válidos. Antigos parâmetros têm sido revistos, tanto no Direito, quanto na filosofia e nas ciências sociais, assim como na arte, mostrando que a dicotomia público/privado não pode mais ser mantida, a não ser em termos de uma relação de tensão e de complementaridade entre o que é público e o que é privado.

A esfera pública é o espaço da visibilidade, enquanto a esfera privada é o espaço do ocultamento. O que emerge no domínio público pode adquirir realidade, mas não o que emerge no domínio privado. (FRANCISCO, 2007).

O espaço privado, embora acolha várias pessoas, abriga uma só perspectiva e uma só preocupação: aquela com a vida, enquanto o espaço público comporta várias perspectivas. A pesar da troca de atribuições primordiais e a complexa relação entre os espaços públicos e privados contemporâneos, o percurso traçado nesta pesquisa se afasta da ideia de desequilíbrio ou de uma relação quase causal em prol de uma pluralidade de pontos de vista. Essa pluralidade pressupõe “um enfoque não dissociativo, tanto do público/privado como do individual/social, compatível com a concepção bakhtiniana da interdiscursividade, em que o que ocorre num registro está dialogicamente articulado com outro, sem que possa se definir, com rigor de verdade, um ‘princípio’”. (ARFUCH, 2010, p. 98-99).



Assim, essa escalada do íntimo/privado, na esfera pública, poderia ser lida, também, como resposta aos desencantos da política, ao desamparo da cena pública, à monotonia das vidas *reais* em oferta. Talvez, o divórcio existente entre aspirações sociais e possibilidades concretas de sucesso acentue a disputa pela singularidade do *eu* numa sociedade que não aceita a diferença. Ao mesmo tempo, se a exaltação da individualidade tende a desarticular laços sociais, a consolidar o poder do mercado e a utopia consumista, poderia propiciar o surgimento de uma nova intimidade como terreno de manifestação de políticas da diferença, rejeitando o modelo único das vidas felizes.

Entretanto, nesse espaço, está também em jogo esse vazio constitutivo do sujeito, que provoca uma necessidade constante de identificação, a busca, por meio da literatura, de uma completude hipotética. Portanto, pode-se falar não apenas de perdas, mas de oportunidades, não apenas do excesso de individualismo, mas também da busca de novos sentidos na constituição de um *nós*, porque não há possibilidade de afirmação da subjetividade sem intersubjetividade. Por conseguinte, todo relato de experiência é, de certa forma, coletivo; é expressão de uma época, de um grupo social, de uma geração, de uma narrativa comum de identidade.

Portanto, para Arfuch, é essa qualidade coletiva, marca impressa da singularidade, que torna relevantes as histórias de vida, tanto nas formas literárias tradicionais quanto nas midiáticas e nas das ciências sociais.

A notável expansão do biográfico, da narrativa vivencial e de seu deslizamento crescente para os âmbitos da intimidade expressam uma tonalidade particular da subjetividade contemporânea. Deslocamento e migrância, ao invés de fronteiras estritas; tramas intertextuais, híbridas e heterogêneas conformam o espaço biográfico como horizonte de inteligibilidade; espaço esse que produz desdobramentos na cena contemporânea, exigindo uma leitura transversal, simbólica, política e cultural.

Cabe à literatura, então, fazer uma leitura, através da reflexão interdisciplinar e interdiscursiva, das estratégias ficcionais que permitem o trânsito entre o público e o privado.





2 O público e o privado na correspondência de Ana Cristina César

Sendo as cartas, registros da intimidade revelados ao leitor, através de um jogo de imagens de conteúdo e de forma, contidas em espaços privados e públicos que se abrem e se fecham nesses textos e, preservando a funcionalidade operatória e as atribuições próprias de cada espaço, este ensaio pretende discorrer sobre as estratégias ficcionais presentes na epistolografia de uma figura emblemática da poesia brasileira contemporânea, a poesia, tradutora e professora de literatura Ana Cristina César.

Organizada por Armando Freitas Filho e Heloísa Buarque de Hollanda (CÉSAR, 1999), a obra *Correspondência incompleta*, de César, escolhida, neste ensaio, como fonte de estudo do entrecruzamento do espaço público e do privado, compila algumas cartas e cartões-postais enviados por ela, para três professoras e grandes amigas: Clara Andrade Alvim, Maria Cecília Londres e Heloísa Buarque de Hollanda. Da mesma forma, contém missivas para sua amiga Ana Cândida Perez, com quem traduziu do inglês, poemas de autores contemporâneos e para quem propôs publicar parte da correspondência contida nessa obra.

As cartas selecionadas para o livro foram escritas pela autora entre 1976 e 1980. A maioria delas pertence ao tempo em que César fazia seu mestrado em *Theory and Practice of Literary Translation* na Universidade de Essex, Inglaterra. Segundo seus organizadores, nessa edição, foram cortados apenas os trechos que, do ponto de vista das destinatárias e deles próprios, pudessem causar constrangimento às pessoas citadas nas cartas e às suas respectivas famílias. Os colchetes e as reticências foram usados para indicar as supressões, as palavras ininteligíveis e certos nomes, que foram reduzidos às respectivas iniciais. Grifos e aspas são mantidos como no original, tentando preservar a ênfase do texto manuscrito; os termos em línguas estrangeiras foram colocados em itálico. Empregou-se, também, o *sic* quando a forma utilizada era um recurso de estilo.

Esse livro de correspondências pode ser considerado parte da biografia da poetisa e o exercício da fascinação pelo que ela chamava “o irrestritamente real”, isto é, do gênero biográfico; fascínio do qual toma conhecimento através da ávida leitura de inúmeras obras e autores representativos da ficção autobiográfica e epistolar. Nas suas cartas, César não apenas confessa seus sentimentos, seus sonhos, seus desejos mais íntimos e detalhes de sua intimidade amorosa e sexual, aproveitando a literatura como espaço público, mas também fala sobre ela. O tempo todo, a autora discute, comenta, opina sobre gêneros literários, obras,



autores, abordando questões sobre teoria e crítica literária, teoria e prática da tradução literária, disciplinas essas que pertencem, também, aos espaços públicos.

A correspondência revela, em todo momento, a matriz de sua produção artística e poética. Observa-se nela extensos trechos de seu fazer poético, como também de seu talento tradutório, e exercícios de sua prosa. Suprimindo destinatário e remetente, algumas cartas e cartões-postais parecem poemas, pois revelam seu lirismo peculiar. Ao longo da correspondência, observa-se uma oscilação de sua assinatura: de Ana, Ana Cristina, Ana C. até o desaparecimento total da mesma. Aprecia-se, também, o uso do pseudônimo Júlio. Com relação a esse fato, no prefácio do livro, Freitas Filho exprime que, possivelmente, o uso do pseudônimo representa a parte masculina de Júlia, que é quem escreve e assina a carta solitária de *Correspondência completa*. Segundo Freitas Filho, não se trata de uma heteronímia incipiente, mas da tentativa, na correspondência e na obra, de criar uma *persona* que mascarasse parcialmente sua figura, como acontece, comumente, nos diários pessoais como fonte primária de sua literatura.

Seguidamente, são apresentados, neste ensaio, cartas e fragmentos de cartas de *Correspondência incompleta*, visando a ilustrar a maneira como se interpenetram as esferas públicas e privadas nessa obra.

2.1.80

Helô, querida,

O turismo está me deixando anômica. O Natal, com suas maldições, passou, enfim. Sonhei que o Marcos me trocava pela Carolina e eu esfumava de raiva e perda e tal. Descubro a malignidade de certas freiras, horror. Acabo a década em Florença com o tal Giovanni, que não pode furar outra vez. Leio o livro do Gabeira nas noites do convento. É lindo, triste, cheio de japoneses, aqui na Pedra fria na Praça de São Pedro.

Mil beijos

Ana. (CÉSAR, 1999, p. 85).

A carta anterior manifesta os novos limiares entre as esferas do público e as do privado, isto é, o entrecruzamento de ambas. Sentimentos, sensações e sonhos entrelaçam-se com imagens de belos sítios visitados pela autora durante uma viagem turística a Roma. Torna-se interessante sua percepção sobre o fenômeno do turismo e o Vaticano



como atração turística (local movimentado, porém triste). Há um sentimento, explicitado pela escritora, de estar à deriva, de experimentar uma espécie de vazio de significado no cotidiano dessa atividade; de estar participando inconscientemente do processo coletivo e, ao mesmo tempo, do social do turismo como atividade pública.

4.1.80

Helô, *dolcezza*,
Finalmente sento di essere arrivata in un "paese europeo". Il mio romanzo progredisce e io parlo già un po' di italiano. Ricordati quando noi leggevamo Benjamin? E Parigi, come sara? Dopo domani andrò là.
Molti bacci

Ciao

Ana

Em Roma, em dezembro 79, antes da permanente. (CÉSAR, 1999, p. 85).

Ainda nessa viagem a Roma, Cesar escreve a carta acima em italiano para sua amiga Heloísa, manifestando seu interesse pela língua e pela cultura italianas, como componentes pertencentes ao âmbito social, entendido aqui como o público. Nessa curta missiva, a autora expressa a sensação de encontrar-se, finalmente, num país europeu, com todo um arcabouço de heranças culturais construído ao longo dos séculos. Ao mesmo tempo, deixa entrever sua curiosidade e sua ansiedade por visitar Paris, cidade que já consta em seu roteiro, como próxima atração turística. O público e o privado se entrelaçam harmoniosamente, uma vez que as lembranças de leituras passadas que fizera com sua amiga Helô e seu fazer literário se misturam com a língua, a cultura e o local.

Sem data

Helô, coração,
Tô por aqui nessa Grécia curtindo os astrais do verão. Aproveitando o pouco de mar e sol que restam nessa Europa. Decidi transar um barco e me mandar para Ios, uma ilha incrível no mar Egeu. Por aqui é tempo de estio e o sol está em leão. Danço samba nesse baile absurdo, e me visto de mim quando preciso e quando não preciso. E que tudo mais vai para o inferno, meu bem!



Acho em fim que é provisório ser da condição dos avessos.
Amor para todos.
Beijos + Saudades
Júlio. (CÉSAR, 1999, p. 88).

Novamente, a autora exprime, nessa correspondência, a natureza anômica do turismo. Consta-se que ela percebe a perda provisória do referencial cultural, que pauta sua identidade cultural, perante as diferenças e as tradições gregas. Contudo, assume essas diferenças reforçando seus próprios valores culturais. Fazendo uso do intertexto, ou seja, de um dos versos da canção “Tropicália”, de Caetano Veloso, “e que tudo mais vá pro inferno meu bem!” expressa, resumidamente, sua vontade de esquecer todos seus problemas, suas preocupações, seus receios e o impasse da diferença cultural no meio, a beleza e a alegria típicas do verão na ilha grega. Mais uma vez, as tênues linhas que definem o âmbito do público e do privado estão articuladas.

6/8/80

Cecil, querida,
Dá um sinal de vida.
Acabo de chegar de Yorkshire, onde visitei a terra das irmãs Brontë, morros, morro dos ventos uivantes... Não sei como abordar o assunto “volta” estou meio vencida por uma sensação de HOMELESSNESS muito grande.
Penso em você.
Beijos nos meninos, no Gelson.

Saudades, Ana. (CÉSAR, 1999, p. 194).

A paisagem da terra das irmãs Emily Brontë e Charlotte Brontë, sendo espaço público, aludido na carta por César, é desenhada através de uma imagem fornecida pelo intertexto “morro dos ventos uivantes”, que intitula o romance de Brontë. Em outras palavras, a autora convida tanto o destinatário quanto o leitor dessa missiva para imaginar e recriar essa paisagem em suas respectivas mentes, a partir da prévia leitura do romance ou das possíveis lembranças deixadas pelas imagens da versão cinematográfica. Por outro lado, e com relação ao âmbito do íntimo, sua viagem a Yorkshire une-se a um sentimento de emoção e de impossibilidade de lidar com outra viagem: a viagem de volta para o Brasil, vinculada à sensação de quem não encontrou ainda seu próprio



lar; sensação à qual alude, usando a palavra *homelessness* do inglês, que significa sem-abrigo em português.

14 de maio de 76

Cecília, muito querida,
[...] Outro dia teve um encontro (pacato) de poetas na Casa do Estudante, onde esse pessoal foi imprensado pelos poetas fudidos, mulatos, do subúrbio, que esses sim se consideram verdadeiros opositores do regime, tanto no verso quanto na posição de classe. Criou-se desconfortável contradição: poetas de Ipanema x poetas do subúrbio. Quem não se incluía tentava segurar a discussão, que se perdia em agressões. Chico Alvim estava, e falou, e depois fomos para os bares do Leblon. Cacaso não abriu a boca, mas ouvia de olhos bem abertos. É engraçado estar participando ao vivo “da história literária” (pretensão?). Helô está com medo que a antologia seja também apreendida. O bobo do Juan já devia ter publicado há muito tempo. Enquanto isso vamos lendo Antonio Candido. (CÉSAR, 1999, p. 98).

Domingo 22 de agosto 76

Cecil, querida,
[...] Não sei se você tem acompanhado o noticiário sobre o Brasil, mas tudo indica que estamos por pouco de uma virada para a extrema-direita – pronunciamentos fascistóides de José Bonifácio, bombas na ABI e na OAB (sem vítimas), véspera de eleições municipais onde o MDB não pode ganhar. São só indícios e rumores, mas dá a impressão que o Geisel está sem poder nenhum. Resta ver. Por tudo isso acho imprescindível vocês se demorem o máximo que puderem (ou o Gelson tem data certa para Brasília?). Sem querer te aumentar os conflitos quanto à volta, as incertezas e tal... Mas porra está uma barra este continente aqui, nunca se viu a direita tão por cima por toda a parte. Atualmente faz até sentido apoiar o Geisel (como faz o Carlos Castello Branco), porque há uma linha muito mais dura com o pé encima. As bombas foram distribuídas juntamente com panfletos de organização anticomunista, mas Zé Bonifácio as atribuiu aos comunistas. Ele parece um idiota, mas como o Castello disse, não se trata do bobo da corte, mas do porta-voz de grupos poderosos. (CÉSAR, 1999, p. 121).

Em reiterados momentos de sua correspondência, a autora transita pelo âmbito político da esfera pública, revelando seus sentimentos. Ela



opina, comenta, manifesta sua inconformidade e seu temor a respeito das situações econômica, política e social no Brasil da ditadura militar. Denuncia a censura, a apreensão e a proibição de muitas produções artísticas e literárias na época, consideradas subversivas pelo governo. Comenta, também, a repressão, a perseguição, a prisão sob falsas alegações e a tortura de homens e mulheres, entre eles, alguns dos seus amigos e de seus conhecidos. Manifesta, também, o receio de que essa situação sufocante pudesse não ter um fim. Por outro lado, há momentos em que, influenciada pelas leituras de Benjamim e de Brecht, reconhece a importância de possuir a lucidez e a militância políticas necessárias para dar sentido global a tudo o que se faz, incluindo a própria prática da literatura. Como mostra o primeiro dos dois fragmentos anteriormente expostos, ela expressa, também, a satisfação de estar engajada, junto aos seus amigos e colegas, no fervor das discussões da intelectualidade da época e de estar participando ao vivo da história literária brasileira.

4 dezembro 76

Minha querida,

[...] Acabamos no cinema, vendo a bobagem que é Dona Flor. É bobagem, mas não me deu raiva como Xica, que é cretino. Pelo menos é coerente, retilíneo, todos são caricaturas. A Dona Flor é uma figura idealizada, é na verdade a Sonia Braga. Engraçado que os tesões loucos acabam mortos e bem mortos, ninguém vê ou finge que não vê o Wilker nu pelas ladeiras da Bahia, eu acho que estavam todos fingindo e fingindo mal. Que conciliação mais boba! É literal, esquemática. Não adianta me dizerem que é fantasia. Não é não. A multidão tava só fingindo que não via o fantasma de Zé Wilker. Acho que vou ler o livro e escrever uma coisa, ou pelo menos meditar no assunto, eu que nunca li Jorge Amado. Tem um ranço de “cultura nacional” que eu acho chato, mostrar receitas, sobrados, igrejas coloniais. Vê e me diz. (CÉSAR, 1999, p. 134).

No fragmento da carta anterior, César incursiona de uma perspectiva pessoal, na arte cinematográfica, entendida como espaço público de comunicação, para criticar e questionar a concepção e produção do filme *Dona Flor e seus dois maridos* e, com a autoridade de quem conhece e faz arte, propõe-se a realizar a tarefa interdisciplinar de aproximar a leitura da versão cinematográfica feita do romance de Jorge Amado de sua própria leitura do original.



14 de maio de 76

Cecília, muito querida,
[...] Dessa vez “atrasei minha correspondência”, deixei acumular; enquanto isso chegava carta da Clara, de Brasília. Não escrevi logo porque me deu um enjôo do meu excesso de verbalização, das minhas tortuosidades – eu queria escrever claro, puro, sem circunlóquios, sem metalinguagens, sem arrepios & desvios. O que te soa galopante & solto (ou você está sedo eufemística?) para mim é tortuoso & preso. Como “escrever puro” não se faz por programa, estou de volta à pena, praticando correspondência outra vez. [...] Hoje estou escrevendo noite adentro, ruídos de sexta-feira em Copacabana, apartamento silencioso. Eu sinto nostalgia de outra linguagem (já te disse isso) – queria escrever poemas longos, com versos longos e fluentes, como quem escreve carta – como o Pessoa, ou o Capinan de Anima (você conhece? Vai sair na antologia). Mas só consigo raros ritmos curtos, entrecortados, pontos e vírgulas a cada esquina. Queria te escrever com longos versos, ritmos fluentes.
O meu medo me paralisa, sim. E tensiona os ombros e os pulmões. Verbalizo de pura paralisia.
Minha lente pula e fica brilhando sobre a mesa. (CÉSAR, 1999, p. 95).

Questões autorreferenciais e metaliterárias também afloram nesse entrecruzamento entre o espaço público e o privado, uma vez que a escritora se vale do que a própria literatura pode oferecer através da epístola, isto é, daquele espaço que permite tornar públicas confissões sobre seus anseios, sua vontade de experimentar novas formas de escrita. Apelando às sensações e aos estados da mente, a artista descreve o processo de concepção de sua criação literária: “tensão nos ombros e pulmões”, “verbalização de pura paralisia”.

Talvez, uma das associações mais complexas apresentadas pela escritora entre o público e o privado é a que diz respeito a um traço psíquico característico de sua personalidade: a neurose. O fragmento subsequente expressa essa interpelação.

21 junho 76

Cecília, minha querida,
[...] A coisa mais pública que pode existir: a neurose. Escapa por todos os poros. Mas aí tem uma virada que eu acho que estou passando: quando a neurose fica mais privada que pública. Aí fico mais só – ou sem me iludir quanto a isto, para dizer a verdade, ando completamente



só. Os laços que tenho são fracos e desajeitados e pouco confiantes. A todo o momento acho que os amigos estão me rejeitando. O pior é que possivelmente é verdade. Não se trata de uma “rejeição” como eu quero fazer crer – mas da percepção às vezes sutil da minha falta de espontaneidade & carinho & confiança (a transparência da neurose). Eu mesma não tenho procurado tanto as pessoas, recusando a afeição aflita de antes (quando eu procurava manter a aparência de que certos eleitos amigos estavam apaixonados por mim). E agora? Não sei se nesse meio todo dá para você pressentir, por exemplo, a aflição de falar ao telefone contigo. Na verdade não consigo te pôr em lugar nenhum dessa história, dessa recente e real solidão.

A desconfiança que eu falei me fazia não entender bem o que acontecia contigo – pra mim as pessoas só se ligariam a mim por um traço perverso, e vice-versa. E aí? Constatado que não apenas a perversão estava em jogo, ficamos com o que? (CÉSAR, 1999, p. 115-116).

Nesse fragmento, a definição do que é público e do que é privado fica na indecidibilidade, pois se trata aqui da descrição do que a psicanálise definiria como sintomas de internalização e de projeção da doença. Alude-se aqui a uma possível ruptura dos vínculos físicos e afetivos do *eu* que representa o íntimo com os outros, isto é, com o social, com o público, e a provável incapacidade de interação do indivíduo com os *outros*. Torna-se difícil delinear quais são os sentimentos e os problemas que ela guarda no seu íntimo, ou seja, aqueles que ela não projeta na sua relação com os outros, uma vez que, nesse jogo dialógico entre o público e o privado, são precisamente aqueles sentimentos ligados à afetividade: a solidão, a falta de espontaneidade, de confiança e de carinho, que tornam a doença pública, perceptível aos outros.

3 de dezembro de 1976.

Você se grila de receber cartas datilografadas? Eu acho legal porque bato rápido e não tenho muito tempo de pensar, sai quase como um papo. É claro que eu estou sabendo da pouquíssima falta de inocência de uma carta. Mas os papos também não são inocentes. Meu Deus, o que eu estou falando! Tem também o lado tátil: é gostoso bater despreocupadamente, os dedos tocando, batendo, *stroking*. O que me inspirou sentar a esta hora e te escrever do meio deste calor foi um pensamento súbito: (aqui eu finalmente engasguei e parou o tictac ritmado) dou um espaço para lembrar o tempo o pensamento de que cada próxima relação fica enriquecida pela anterior, fica mais livre.



(Não estou conseguindo desenvolver. É engraçado como os engasgos, por escrito, ficam muito mais grilantes e patentes do que num papo.).
(CÉSAR, 1999, p. 238-239).

Tentando reproduzir por carta, um espaço público, e por meio de sua máquina de escrever, o ritmo fluído de uma conversa falada, a autora exprime para sua amiga Ana Cândida, as vantagens de pôr a tecnologia a serviço da literatura. Influenciada pelo movimento concretista dos irmãos Campos e Décio Pignatari, a autora deixa, no fragmento anterior, um espaço em branco na página. Esse espaço é significativo, pois, como produtor de sentido, indica o espaço de tempo no qual se produz a ruptura de seu pensamento lógico, o lapso mental, e a subsequente tentativa de retomar o ritmo do discurso interrompido.

3 de dezembro de 1976

Estou com muitas frases literárias na cabeça para te escrever. Lembra da Meditação sobre o Tietê? “Incêndio de amor estrondante, enchente magnânima, que me inunda,/ Me alarma e me destroça, inerte por sentir-me/ Demagogicamente tão só!” Passei o ano em Teresópolis com amigos do Adrian, Lauro Escorel que namora Marina Mello e Souza, verdejantes, chás a todos os momentos. Fizemos uma visita inesquecível a um casal de velhos, ele inglês de 70 anos, jardinagem, carpintaria, amor aos pequenos ouriços e colibris; ela alemã de 95, belissimamente cadavérica, jocosa da própria decrepitude. Todas as manhãs ela no piano e ele na flauta fazem um concerto. Costumavam ler um para o outro: ele lia em inglês para ela, ela em alemão para ele. Casados há 40 anos com essa incrível diferença de idade. [...] Sinto uma grande fraqueza de vez em quando, Carências maternas. Aqui paro um tempo em frente da máquina. Os assuntos que ocorreram: Vilma, Cecil, Clara. “És demagogia em teu coração submisso./ És demagogia em teu desequilíbrio antisséptico/ É antiuniversitário./ Es demagogia. Pura demagogia./ (CÉSAR, 1999, p. 237).

Meditação do Tieté, de Mário de Andrade, é o poema-base, que serve de inspiração e modelo para escrever o fragmento acima. Seguindo os moldes do poema *Meditação...*, César constrói sua carta-poema, na qual experimenta inserir alguns versos de Mário de Andrade, ao mesmo tempo que cria os seus. De maneira peculiar, a poetisa leva ao público leitor suas *impressões* sobre o Ano-Novo que passara com seu namorado em casa de amigos e, também, da visita que fizera ao casal de idosos. Entre



versos entrecortados e metáforas, a autora traça o perfil do velho casal de amigos; ele, afeiçoado à carpintaria e à jardinagem, e ela, cadavérica e jocosamente decrépita. A autora descreve, também, sua surpresa com os fatos que narra, isto é, o fato de terem bebido chá a toda hora por ocasião das Festas de Ano-Novo em casa de amigos e, logo, pelo fato de o casal permanecer casado por tantos anos, apesar da significativa diferença de idade. Ao mesmo tempo, exprime, também, certa indisposição física e anímica, que justifica através de uma possível carência materna, derivada de um sentimento de dependência da mãe.

Em muitas ocasiões e, no que diz respeito ao que deve ou não constar no papel, César manifesta uma transparência de opiniões sobre os outros que faz questão de revelar. O trecho seguinte expõe esse aspecto.

14.2.80

Helô, *love*,

[...] Estou lendo *Envy and Gratitude*, é aterrador. Tomo cada linha ao pé do ouvido e fico parálitica de medo.

Ai, ai.

Acho Augusto de Campos meio antipático, é impressão minha ou verdade?

De resto Klein explica.

Beijos + beijos

Ana C.

PS. Minhas cartas são confidenciais.

PS. 2. Adotado de vez meu nome de guerra.

PS. 3 Quero a puta carta que se perdeu nos caminhos da vida!!! (CÉSAR, 1999, p. 40).

São encontradas, ao longo de suas missivas, critérios e opiniões, seja através de questionamento ou de avaliação direta, de algumas figuras da arte e da literatura e de suas produções artísticas.

Surpreende, também, a maneira aberta e sem preconceitos da autora para falar, nas cartas, publicamente, de questões de foro íntimo como são seus flertes, relacionamentos amorosos e sobre fazer sexo. No fragmento seguinte, a autora advoga pela política de não sexo, como resposta desesperada à falta dele.



Eu e Mike andamos mais ou menos na fase do grude. Imaginamos coisas cada um por seu lado. Mas a graça está em não transar, é o que penso até me dar certa melancolia exasperada. E além do mais ele não tem o menor encanto. E me dá aulas de fonética. Enjoei do Giovanni e me intrigo com a velha contradição: homem mau & sexy x homem bom & *plain*. Faço planos para desenvolver uma política de não-sexo. “*What relations I have had with men and women, such encounters as have interested me most profoundly, have not occurred in bed. I’m extremely sexual in my desires: I carry them everywhere and at all times. I think that from that arises the drive which empowers us all*”. (W.C. Williams, *Autobiografia*). (CÉSAR, 1999, p. 267)

Valendo-se do depoimento do poeta W. C. Williams em seu livro *Autobiography*, César que dos encontros que teve com homens e mulheres, os que mais lhe interessaram não aconteceram na cama. Mesmo assim, possui desejos sexuais que carrega em todas as ocasiões, acreditando que, desses desejos sexuais surge a força que nos potencializa como indivíduos.

Foram encontradas, também, cartas onde expõe seu trabalho como tradutora, principalmente aquelas nas quais divide a tarefa de traduzir com sua amiga e tradutora Ana Cândida Perez. O trecho subsequente fala sobre as traduções feitas da obra poética da norte-americana Silvia Plath.

Domingo de Páscoa. 18 de abril 1976.

Silvia Path:

1 – os poemas foram previamente escolhidos pelo organizador da antologia. Vou propor *Elm* a ele, com “sua insatisfação”. Não fui eu quem arranhou!!! (os poemas)

2 – *Ariel*: cheguei a fazer uma tradução antes de ver a tua, e então misturei as duas. Ficou difícil porque senti que a tua estava pronta. E encontramos soluções muito diferentes para as estrofes 4 e 5. Gostei muito da tua compreensão. O problema é que realmente eu não tinha entrado numa. Tua leitura sexual fez viver o poema para mim (o grito da criança/escorre pela parede é ótimo, torniquete, orgasmo/ desamparo/ gosma).

Vê se aprova a mistura. [...]

3. Gostei muito do toque sobre o meu medo/literalidade. “Perigosamente colada” no original!!! E também da tua didática paciência.



4. Gostei também (e adotei imediatamente) das sugestões para *Bee Box*, exceto, “que horror”. Não entendi por que imediatamente não dá. Aprove a versão.
Beijos (CÉSAR, 1999, p. 204-205).

A escritora apresenta, ao longo dessa carta, os originais dos poemas de Silvia Plath: “Ariel”, “A chegada da caixa de abelhas” e “Palavras” com suas respectivas traduções comentadas. Oferece, também, como tradutora e como poetisa, sua avaliação crítica da poesia dessa artista norte-americana: tom grave, muito forte, imagens que cegam, hálito suicida, toque sádico, conjunto que produz mal-estar. A carta é um verdadeiro exemplo de como tornar público o exercício da arte tradutória e de seu produto: a tradução.

Finalmente, o fragmento seguinte proporciona critérios sobre um dos processos que tornam a literatura um espaço público, ou seja, de sua editoração e comercialização.

28.11.80

Helô, coração,
[...] Queria vender meu livro, fazer dinheiro (usei papel bom, mas sóbrio; os chiques eram absurdamente caros). Estou enjoada dele e leve medinho. Me manda uns endereços úteis (inclusive Cacaso) para eu fazer chegar o exemplar. Idéias para a circulação. Eu podia esperar até eu chegar, mas já vi que é um livro que fatura a minha própria ausência, então dava certo eu não ter chegado. Um produto importado. Aqui não há satisfações a dar, o que a gente sente como... despolitizado.
(CÉSAR, 1999, p. 75).

Observam-se aspectos subjetivos a serem considerados nesse processo que envolve publicação e fortuna crítica do livro da autora. O livro precisa vender, pois, além da necessidade de fazer uma arrecadação extra, Césa está com receio e medo de que não chegue a circular. Igualmente, a ideia de ser um livro importado e escrito por uma escritora ausente do Brasil vende bem. De certa forma, ela critica o excesso de censura publicitária existente no Brasil ditatorial, quando diz que, na Inglaterra, não há satisfações a dar nesse sentido.



Considerações finais

Espaços públicos e privados que se entrecruzam no abrir e fechar do texto. Limiares que se tornam tênues e, por vezes, permanecem ocultos. Imagens que transitam por ambos os espaços em incessante ida e vinda. Linguagem que oscila do profundo lirismo ao extremamente coloquial. São essas características que distinguem o voo literário de Ana Cristina César em *Correspondência incompleta*.

Genuína representante do fazer literário contemporâneo e talentosa missivista, César vai ao encontro das exigências ficcionais de seu tempo. Os exemplos fornecidos ao longo deste ensaio manifestam diversas estratégias, que possibilitam uma leitura interdiscursiva, intertextual e interdisciplinar dos espaços públicos e privados, hoje fortemente articulados e reformulados.

Referências

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

CÉSAR, Ana Cristina. Correspondência incompleta. In: FREITAS FILHO, Armando; HOLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Correspondência incompleta*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, p. 15-293.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

FRANCISCO, Maria de Fátima Simões. *Aristóteles enquanto fonte das concepções de espaço público e espaço privado de Hannah Arendt*. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand14/fatima.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

HABERMAS, Jürgen. *Identidades nacionais y posnacionales*. Madrid: Tecnos, 1989.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Recebido em 17 de julho de 2011. Aprovado em 25 de julho de 2011.